

Criação musical e rituais: imagens de um Quilombo Urbano em Olinda, Pernambuco, Brasil

Carla LYRA

Doutora em Memória Social – UNIRIO

carlalyra@yahoo.com.br

Resumo: O mito da cabaça – Igbadu – é um elo de ligação da criação artística com as raízes africanas e religiosas. Para os músicos, o processo criativo está baseado em narrativas, mitos e nas raízes religiosas. Este artigo narra a trajetória de um projeto de filme que tinha como objetivo documentar a cultura e o potencial criativo das novas gerações de artistas que cresceram em terreiros e registra imagens do primeiro quilombo urbano de Pernambuco.

Palavras-chave: música; rituais; quilombo urbano; documentário

Abstract: The myth of the *cabaça* is a link between Pernambuco's local music and its African roots. For musicians, the creative process is grounded in a poetic reality where narratives, myths, and religions often coexist. This paper is about a film's project that aimed to document the recovering of

Pernambuco's living culture and the creative potential of new generations of artists who have grown in *Terreiros* and registers images of Pernambuco's first urban *quilombo*.

Keywords: music; rituals; urban quilombo; documentary

Introdução - Uma embolada de samba com maracatu em Pernambuco, Brasil

Malungo¹

Nosso batuque será sua herança
Assim falou, assim falou
No elétrico lamaçal
Um Malungo pelas peles da Nação Zumbi
Onde tem baque solto
E baque virado inteiro
(Chico Science & Nação Zumbi)

No início da década de noventa, o Brasil atravessava uma de suas crises econômicas com as medidas adotadas pelo Governo Collor que anunciou um plano econômico: o confisco temporário dos depósitos bancários e aplicações financeiras, o congelamento de salários, a demissão de funcionários públicos e a privatização das estatais. Muitos jovens

¹ O mais famoso líder quilombola ficou conhecido como Malunguinho, famoso a tal ponto que o espaço da resistência negra também costuma ser referido pelas fontes como quilombo de Malunguinho.

migraram para outros países e os que ficaram precisavam transformar a sua realidade para sobreviver. Como anunciava o cineasta Glauber Rocha: « *O sonho é o único direito que não se pode proibir. As raízes índias e negras do povo latino-americano devem ser compreendidas como única força desenvolvida deste continente.* ». É neste contexto de resistência cultural que surge o *Movimento Mangue*. Uma manifestação sonora da juventude social e culturalmente excluída da periferia que não se via representada no cenário musical nacional ou local. Da fusão de ritmos regionais (maracatu, samba, coco, ciranda) com o pop (funk, rock, soul, black, hip hop, punk), surgiu a síntese musical do sincretismo de ritmos e a interação com as diversas culturas do globo fazendo com que o tambor tribal se unisse à guitarra e aos amplificadores norte-americanos. Essa mistura dos ritmos pernambucanos como o maracatu com o Hip Hop originou o movimento Manguebeat² na Região Metropolitana do Recife, Pernambuco, Brasil.

Este movimento musical possibilitou também a tomada de consciência da periferia urbana acerca de seus problemas transformando a cultura em um instrumento de comunicação e transformação social para os grupos que valorizavam a ancestralidade afro-cultural na região. O Movimento Mangue fortaleceu as resistências criativas e a elaboração de novas cartografias culturais na periferia de Recife e Olinda na década de noventa e semeou o desejo de produção musical na juventude que cresceu aos sons dos atabaques dos maracatus. O resultado dessa mobilização por meio da ação cultural foi o fortalecimento da articulação política e muitos grupos obtiveram reconhecimento (capital simbólico) em seus territórios (Lyra, 2015).

Neste cenário de valorização das raízes afro-brasileiras, surgiu a ideia de pesquisar a influência dos ritmos africanos na criação musical em Pernambuco em 2004. Assim nasceu o roteiro do documentário *Igbadu – cabaça da criação*, o desejo de mergulhar na origem dos sons que nos guiaram à ancestralidade dos orixás e nos revelariam a história de um território africano na periferia de Olinda. O desenvolvimento do projeto e pesquisa da curta-metragem *Igbadu – cabaça da Criação* partiu do pressuposto de que a visibilidade dos grupos musicais seria uma componente fundamental para a valorização do patrimônio material e imaterial dos terreiros. Desta forma, o projeto do documentário lançou o desafio de descobrir o mito e desvendar as origens da criação dos ritmos afoxé e maracatu.

Da sinopse às estratégias do documentário...baú de fotos e restauração de imagens

Sons de uma cabaça. Cabaça em um altar. Segundo os mitos africanos, a luta pela supremacia entre os sexos é constante e está simbolizada na igbá-odu (cabaça da criação). Imagem na qual o orixá Odudua, princípio feminino de onde tudo se cria – representação coletiva das Iyá-mi (mães ancestrais) – é a metade inferior da cabaça, e Obatalá ou Oxalá, princípio masculino, seria a metade superior. A relação dos orixás Odudua/Obatalá representa Igbadu (a cabaça da existência) e estes, por sua vez, disputam entre si o título de orixá da criação. No filme, o mito da cabaça – Igbadu – é um elo de ligação da criação artística e musical com as raízes africanas e religiosas. O sagrado é sempre um refúgio universal. É a força de criação da realidade. Pesquisar as raízes africanas da música em

² Emergindo da "periferia da periferia", da lama, o Manguebit (como foi chamado pelos grupos que o constituíam), ou mangue beat (como ficou conhecido por meio da mídia nacional), vai transformar a cidade do Recife.

Pernambuco nos conduz a sua origem universal através da matéria-mito Igbadu. Que influências africanas os artistas possuem na sua produção musical? Que caminhos percorreram e onde os sons da cabaça levam? Como constroem seus instrumentos e a sua música? Como estes mitos e conhecimentos são repassados para as novas gerações através da música e dos ritos? Foram estes questionamentos iniciais que nos conduziram na trilha dos terreiros em Pernambuco.

O projeto do documentário tinha como objetivo documentar a cultura viva em Pernambuco onde foram preservados ritmos, instrumentos e formas de composição poética originários da África. A influência da tradição religiosa na criação musical foi resgatada em três terreiros: Sítio de Pai Adão – o mais antigo de Pernambuco, o Terreiro Ilê Oba Aganju Okoloya e a Sociedade Religiosa Africana Santa Bárbara – Nação Xambá. A história dos maracatus e afoxés é narrada pelo Mestre Afonso do Maracatu Leão Coroado e revivida através da memória fotográfica dos terreiros e das lembranças das gerações mais novas que resgatam a história de suas raízes culturais a partir da música.

A animação da lenda da criação da terra foi produzida a partir de pinturas de crianças que fazem parte do Maracatu Nação Erê da Escola Comunitária CEPOMA. A pesquisa fotográfica partiu da memória iconográfica dos terreiros, memoriais e arquivos públicos de Recife. Foram encontradas fotos do Memorial Mãe Biu do Terreiro Xambá que passaram por um processo de restauração para utilização no filme. A pesquisa sobre a memória fotográfica nos terreiros – inspirada na visita de Pierre Verger à Nação Xambá na década de 50 – nos revelou fotógrafos que realizam seus registros nos terreiros. Mateus Sá (Canal 03) documentou a presença das crianças nos terreiros na Festa de Cosme e Damião no Terreiro Xambá e Marcelo Soares registrou a presença dos maracatus no carnaval no Terreiro Xambá.

O Terreiro Santa Bárbara - Ilê Axé Oyá Meguê da Nação Xambá

O projeto buscava contribuir para a tolerância e o respeito às diversas manifestações religiosas e à diversidade cultural brasileira. Documentar a participação da juventude nas suas tradições religiosas e culturais seria uma forma de sensibilizar o público jovem para a existência dessas expressões, mobilizando o desejo de pesquisa e produção cultural e, desta forma, incentivando o protagonismo juvenil na área cultural. No processo de pesquisa, conhecemos o Grupo Bongar composto por seis jovens integrantes do Terreiro Santa Bárbara - Ilê Axé Oyá Meguê da Nação Xambá do Quilombo do Portão do Gelo, em Olinda. O grupo foi fundado em 2001, com o propósito de levar aos palcos a tradicional festa do Coco da Xambá, que se realiza na comunidade há mais de 40 anos, no dia 29 de junho.

O Terreiro Santa Bárbara - Ilê Axé Oyá Meguê da Nação Xambá está situado desde 1951 no bairro de São Benedito, em Olinda, na localidade do Portão do Gelo, em um bairro localizado às margens do Rio Beberibe, nas proximidades das matas de Catucá para onde fugiam os escravos. A Mata do Catucá, onde foi erguido o Quilombo do Catucá, era próxima a vários engenhos do Recife e margeava a fronteira agrícola da zona da mata norte. A floresta do Catucá começava nos limites de Beberibe, antigo subúrbio do Recife, passava pelo sítio dos Macacos e por São Lourenço, mais a oeste da capital,

lançando-se entre os engenhos costeiros e a serra a oeste do Recife em direção ao norte (Carvalho, 1991).

Os integrantes do grupo herdaram a musicalidade desde a infância, ouvindo os mais velhos e aprendendo com eles os toques, as loas e as danças durante as festas da Casa Xambá. Deste modo, os jovens artistas são os “guardiões da memória” com a (re) invenção da tradição dos terreiros a partir de produção artística musical. Além disso, o Grupo também foi influenciado por manifestações culturais de grupos que vinham visitar o terreiro no período carnavalesco. O surgimento dos clubes carnavalescos com elementos integrantes dos desfiles militares acrescido da influência das procissões religiosas ocorreu após a abolição da escravatura negra. Com o fortalecimento das raízes culturais, a Nação Xambá também se transforma em um polo importante do carnaval de Olinda em 2006 onde irão desfilar blocos e maracatus.

O babalorixá que iniciou o culto em Pernambuco, no início da década de 1920, foi Artur Rosendo Pereira que fugiu da repressão policial às casas de culto Afro-brasileiro em Maceió. A partir do relato do antropólogo René Ribeiro, em 1923, teria reiniciado em Pernambuco suas atividades de zelador dos Orixás, segundo os rituais e tradições da Nação Xambá que aprendeu com “Tio Antônio - um vendedor de panelas no mercado de Dakar, no Senegal. Por sua vez, o povo Xambá ou Tchambá seriam povos que habitavam a região ao norte dos Ashanti e limites da Nigéria com Camarões, nos montes Adamaua, vale do rio Benué. Severina Paraíso da Silva – Mãe Biu, segunda Yalorixá da Casa, e sua líder por mais de quarenta anos, foi a grande responsável pela preservação dos ritos e tradições da Nação Xambá, transmitidos por Arthur Rosendo e Maria Oyá.

Uma das primeiras ações de preservação da memória da Nação Xambá foi a abertura do Memorial Severina Paraíso da Silva em 2002. Este patrimônio de “pedra e cal”- é também o templo de um caminho de construção da memória baseado na trajetória de seus fundadores e orixás cantada em versos pelo Grupo Bongar formado por jovens da comunidade Xambá. O Memorial - primeiro museu afro de Pernambuco - tem 50 metros quadrados e funciona dentro do Terreiro da Nação Xambá. Atualmente, o conjunto documental mais importante é o acervo fotográfico com mais de 800 fotografias, quase todas da coleção particular de Mãe Biu. São registros de festividades religiosas (toques dos Orixás e saídas de Yaôs), comemorações e flagrantes da vida familiar e fotos oferecidas por afilhados e filhos de santo, datadas dos anos 30 aos 90. Documentos pessoais de Mãe Biu e do Terreiro (atas, registros de filiados, de Yaôs, de obrigações religiosas, de nomes de Orixás), além de artigos de jornais, revistas e impressos diversos, complementam o acervo. Desta forma, as imagens e depoimentos coletadas através de fotografias e vídeo se transformaram nos instrumentos de observação, transcrição e interpretação antropológicas para revelar a importância do patrimônio imaterial da música e dos rituais.

Cinema e território: dos sons da cabaça ao Quilombo Ilê Axé Oyá Meguê

Em 2004, o terreiro se transformou em um *Ponto de Cultura* financiado pelo Governo Federal. Em 2006, após a realização do filme *Igbadu-Cabaça da Criação*, o Terreiro Nação Xambá recebeu da Fundação Cultural Palmares o título de Quilombo Urbano³, em

³ Nos termos do art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva,

reconhecimento pelo trabalho de lutas e resistência desse povo e persistência em manter vivos os ritos religiosos da Xambá, preservando a mesma cultura, danças, vestimentas, gastronomia, vocabulário, música, entre outras expressões de arte. De acordo com Guerra (2010), a relação da Comunidade Xambá com a Fundação Palmares vai além da sua regularização como remanescente de quilombo, mas também permite o acesso da comunidade a iniciativas nas esferas da educação, saúde, infraestrutura, habitação, emprego e geração de renda para a população. Até a concessão do título de Quilombo, os recursos econômicos do Terreiro Santa Bárbara eram gerados exclusivamente pela própria dinâmica da prática afro-religiosa. A partir das políticas de reparação do Governo Federal, o título permitiu acesso às políticas públicas e investimentos.

Em novembro de 2007, um ano após conquistar o Título de Quilombo Urbano, foi assinado um Decreto pela Prefeitura de Olinda através do Conselho de Preservação dos Sítios Históricos, tombando a Comunidade do Portão do Gelo como patrimônio histórico e cultural. Foi decretada a demarcação do Quilombo Urbano do Portão do Gelo - reconhecido pelo Ministério da Cultura e a Fundação Cultural Palmares em conjunto com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), como o primeiro quilombo urbano de Pernambuco.

Com uma tradição há mais de setenta anos, ocupa hoje posição de terceiro quilombo urbano do Brasil. No caso da Nação Xambá, ao longo do processo de autoreconhecimento quilombola, foram surgindo valorizações de questões como etnicidade, identidade e raça, permitindo um diálogo entre os atores “laicos” do governo, em suas várias esferas e os atores religiosos da comunidade Xambá (Guerra, 2010).

Quilombo em imagens: a produção audiovisual no terreiro

Durante a produção do documentário *Igbadu-Cabaça da Criação* entre 2005 e 2006, fomos descobrindo e registrando em imagens os segredos da religião, a espiritualidade e os conhecimentos tradicionais - que muitas vezes apenas podem ser decifrados por iniciados na religião - pois possuem outros canais e formas de transmissão: corpo, dança, toques e batuques. Os mestres, os caboclos, os guias espirituais expressam a voz dos ancestrais. O resgate da memória cultural da ancestralidade africana exige assim uma “iniciação teórica e prática” utilizando o próprio corpo e os sentidos. De acordo com o pesquisador Roberto Benjamim, a marca da cultura africana está na música e na dança, como também na organização social dos grupos e na sua ligação com os cultos afro-brasileiros.

A narrativa musical pode ser compreendida como uma partitura para se compor os caminhos da memória da Nação Xambá onde a participação da juventude foi um fator de transformação e mudança. A comunicação dos grupos musicais com seu público fez com que pais e mães de santo se abrissem para o registro de imagens e sua difusão na internet e nas redes sociais como estratégia de preservação do patrimônio material e imaterial da Nação Xambá. A manifestação cultural da Nação Xambá está sendo divulgada via internet para o resto do país e do mundo.

O patrimônio cultural do país foi definido como um conjunto de bens de natureza material e imaterial (tomados individualmente ou em sua totalidade) portadores de

devendo o Estado emitir os títulos. Também o art. 216, parágrafo 5º da Constituição, estabelece o tombamento de todos os documentos e sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos.

referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. Entre tais bens se incluem: as formas de expressão, os modos de criar, fazer e viver, as criações científicas, artísticas e tecnológicas, as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais, além de sítios de valor histórico, urbanístico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. O reconhecimento como *Ponto de Cultura* contribuiu com o fortalecimento de novas produções imagético-musicais e formas de registo e divulgação do patrimônio imaterial tais como o filme documentário *Um dia de Bêji*, o Cine Bongar e o Festival Tem Preto na Tela em 2009 pela própria comunidade. A produção de imagens e a etnografia acompanham este processo de valorização do patrimônio imaterial.

A memória deve ser entendida também como um fenômeno coletivo e social, construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes. A memória coletiva teria, desta forma, a importante função de contribuir para o sentimento de pertença a um grupo de passado comum que compartilha memórias. Ela garantiria o sentimento de identidade do indivíduo calcado numa memória compartilhada não só no campo histórico do real, mas no campo simbólico (Halbwachs, 2004). A produção de imagens no Terreiro Xambá tem este papel de construção de uma memória cultural coletiva e contribui para a difusão deste patrimônio cultural imaterial.

O quilombo urbano é um – tempo e espaço de memória - onde pesquisadores, fotógrafos, músicos pisaram e cuja interação com (e como) filhos e filhas de santo gerou uma produção de etnografias, narrativas e imagens para visibilidade deste patrimônio imaterial que, por sua vez, influenciou também a produção de políticas culturais locais. A luta de uma rede de atores sociais envolvidos na revitalização cultural de um terreiro, de um bairro e na preservação da memória cultural do Quilombo Ilê Axé Oyá Meguê foi o fruto de um esforço coletivo que resultou em uma constelação de políticas nacionais, estaduais e municipais.

Além do caráter festivo e lúdico, os *shows* exercem uma função conscientizadora, que vivifica toda a história da Nação Xambá e transforma o grupo e seus integrantes em parte viva desta história. O público dos *shows* do Bongar também tem a oportunidade de conhecer, não só a música e a dança deste coco tão peculiar, mas compreender a formação histórica e cultural da Nação Xambá, ao mesmo tempo que o filme *Igbadu – Cabaça da Criação* foi apropriado por comunidades tradicionais em *sites*, blogs e postado no *Youtube* construindo o seu próprio caminho nos espaços virtuais da religiosidade afro-brasileira.

Conclusão

No processo de produção fílmica, construímos também etnografias urbanas ao narrar a conquista de direitos em um quilombo urbano que virou palco para festas, celebrações e novos documentários. Na espiral do tempo, em outubro deste ano de 2018, novas eleições definirão os rumos do país, numa polarização entre a esquerda e um candidato a presidente, que promete retirar direitos indígenas e quilombolas. No meio de uma crise econômica, o medo de retrocessos como ocorreu em 1989, quando após 29 anos sem eleições diretas para presidente da República, foi eleito Fernando Collor de Mello. De acordo com uma pesquisa do Instituto Gallup, publicada no Jornal do Brasil, 41% dos

brasileiros consideravam 1991 como o pior dos últimos dez anos, e 54% acreditavam que o ano seguinte seria ainda pior. Em setembro de 2018, ocorreu o incêndio no Museu Nacional no Rio de Janeiro que abrigava um acervo inestimável da memória social no Brasil. Aos cineastas e artistas cabe o legado da resistência criativa de preservação da memória, da cultura e dos sonhos.

Bibliografia de referência

- Carvalho, M. J. M. (1991). O Quilombo do Catucá em Pernambuco. *Caderno CRH. Salvador*, N.º 15, 5-28.
- Guerra, L. H. B. (2010). *Xangô rezado baixo. Xambá tocado alto: a reprodução da tradição religiosa através da música*. UFPE.
- Halbwachs, M. (2004). Memória coletiva e memória individual. In: *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro.
- Lima, M. A. de (2005). *Chão batido coco pisado: a contribuição do povo xambá à cultura pernambucana. Monografia em Jornalismo Cultural*. Recife: UNICAP.
- Lyra, C. (2015). Políticas culturais de valorização do patrimônio imaterial em Pernambuco. *PragMATIZES - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura*, 1(8), 120-131. ISSN: 22371508

Blogs e vídeos

Memorial Mãe Biu na internet - www.xamba.com.br

Blog do documentário -

Igbadu – cabaça da Criação, Carla Lyra, dir. (Carla Lyra, 2007 (film). Disponível em: Porta Curtas -

<http://portacurtas.org.br/filme/default.aspx?name=igbadu_cabaca_da_criacao>.